



Quem é o
Filósofo
Clínico
Rose Pedrosa

2013

Página 76



ÍNDICE

Capítulo 1 QUEM É O FILÓSOFO CLÍNICO	78
Capítulo 2 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO PARA O FILÓSOFO CLÍNICO	81
Capítulo 3 VOCAÇÃO	82
Capítulo 4 A FORMAÇÃO DO FILÓSOFO CLÍNICO	84
Capítulo 5 FILÓSOFO CLÍNICO: O TERAPEUTA	86
Capítulo 6 FILÓSOFO CLÍNICO, ALGUMAS QUESTÕES PESSOAIS	88
Capítulo 7 FILÓSOFO CLÍNICO E A FUNÇÃO SOCIAL E POLÍTICA	91



Capítulo 1

QUEM É O FILÓSOFO CLÍNICO

O filósofo Clínico não é advogado, não é psicólogo, não é médico, nem analista. É pai desses profissionais, é aquele que procura entender o todo seja através das partes, seja através do todo para as partes. Não lhe compete julgar.
(Lúcio Packter. *Filosofia Clínica – Propedêutica*)

A Filosofia ao se estruturar em clínica, através dos estudos e pesquisas do médico filósofo Lúcio Packter trouxe para a história das terapias um novo papel existencial do cuidador: o Filósofo Clínico.

“O filósofo clínico é inicialmente o estudante de filosofia disposto a compartilhar um caminho certo com outras pessoas, a atuar filosoficamente em cada endereço deste caminho tal, pois é em cada endereço que sua identidade se modela. Partilhando um período de existência de outro ser, sobre a responsabilidade que o nome é o filósofo, sua identidade reside em sua posição dentro da situação vivenciada” (Lúcio Packter).

Características do filósofo Clínico. Basicamente podemos caracterizar o filósofo Clínico em sua atividade e através dela como:

- a) um amigo a usar seus conhecimentos filosóficos a serviço da psicoterapia
- b) um partilhante emprestando as teorias filosóficas a pessoas em suas especificidades
- c) um pesquisador das filosofias terapêuticas.

O filósofo clínico busca sentir a pessoa, o modo como toca, como olha, fala, como se movimenta como se relaciona com o meio Onde vive; o filósofo busca conhecer como esta pessoa está estruturada quais os prejuízos, emoções, paixões dominantes, papéis existenciais, entre outros dados e como eles se relacionam entre eles mesmos e com o ambiente. Então, o filósofo clínico, após três meses de clínica, mais ou menos, entenderá que aquela pessoa está estruturada de uma determinada forma e que por isso tende a funcionar de determinada maneira.

Ser Filósofo Clínico é colocar-se à disposição do outro; transitar pelas estruturas e desestruturas da pessoa em seu dever clínico; um estudar e investigar permanentemente; amor, paixão e Amizade; carinho, ética e respeito; refletir em si mesmo os contextos e vivências da



terapia; coragem de trabalhar lá nos espaços e lugares onde ninguém mais se atreve chegar, apesar dos medos e inseguranças que o caminho Pode mostrar, desdobramentos próprios do vir- a- ser do filósofo, os quais constituem-se em alguns aspectos do Papel existencial e expressividades do ser terapeuta.

Sobre a relação entre filósofo e partilhante, encontro que vem constituir-se para a realização da clínica, Lúcio Packter nos diz:

A relação filósofo-partilhante é uma relação essencialmente de amizade. cabe ao filósofo T os cuidados de somente aceitar como partilhante alguém que em sua existência ocuparia de certo modo um tal lugar, reservado a amizade.

Para tanto, existe a entrevista inicial, uma vez que o filósofo não pode determinar tal aceite a priori, na acepção dada por Kant, na segunda parte da Crítica da Razão Pura, na lógica transcendental, quando mostra que a intuição traz apenas o modo como somos afetados pelo objeto; já o entendimento é a nossa capacidade de pensar esse objeto da intuição sensível. “o entendimento nada pode intuir e os sentidos nada podem pensar. só pela reunião se tem conhecimento”, afirma Kant.

Assim, a empatia torna-se determinante.”

O filósofo clínico é alguém em Atividade introspectiva permanente, analisando e refletindo os conteúdos que se apresentam, através dos lugares explorados em conjunto com a pessoa, a compartilhar estes universos, em vias de mão dupla, por instantes inspecionando e interagindo com o mundo como representação do partilhante, ou com seu próprio, em momentos de cuidado e re-composição do seu eixo no Ser terapeuta, o qual em dialética permanente, por estes espaços sempre novos do seu vir- a- ser.

Constitui-se numa espécie de referencial básico, o qual, se busca oferecer à fartura nas escolas e faculdades da área humanística, mais encontrando por bem pouco, por esses olhos e ouvidos nem sempre atento para sua própria natureza, muitas vezes aquém da maravilhosa e surpreendente condição humana, a realizar seu chamados diários ao existir. uma espécie de lembrança para a doçura e os encontros que só fenômeno da vida pode expressar, no dizer impreciso e significativo da escritora Gaúcha Lya Luft Hein histórias do tempo: “(...) quando aprendi a ler, achei que não havia mais nenhuma Fronteira para o meu desejo - de encontrar a explicação da existência nossa.”

Cabe ao filósofo clínico resgatar, através das páginas amareladas, arrancadas e maltratadas pela pessoa, as lições e ensinamento com os quais poderá proporcionar a



superação e descoberta de outros horizontes, possibilitando ao sujeito prosseguir, redigindo a originalidade das novas páginas, à espera de olhar impregnado de buscas e novas perspectivas, recém em processo de revelação para o melhor da sua vida.

O filósofo clínico é alguém habilitado a circular por estes vastos universos desconhecidos, utilizando para isto, aquilo que todos possuem a fartura, embora muitos desprezem ou não se utilizem para viver: sua característica e condição humana, demasiado humana como poderia destacar Nietzsche.

Não trabalhar a partir das tipologias se constitui em um referencial antropológico, a valorizar o aparecimento do fenômeno com toda a força do seu ser. o filósofo clínico está livre para o exercício do seu talento terapêutico, pois utiliza-se de uma metodologia apta a valorizar seu jeito de ser, anterior à sua de-formação estudos, para potencializar estas aproximações com os mundos como representação de seus partilhantes (Hélio Strassburger).

O filósofo Clínico acolherá ou partilhante e suas questões e partilhará com ele o conhecimento produzido pela filosofia, auxiliando-o a refletir sobre suas questões e dificuldades, a levantar e estudar possibilidades, a definir, construir e percorrer caminhos. não se trata de teorizar sobre o sofrimento alheio, mas de auxiliar o outro a lidar com suas questões, diante das circunstâncias e possibilidades existentes. (Mônica Aiub)



Capítulo 2 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO PARA O FILÓSOFO CLÍNICO

A ocupação primeira de um filósofo Clínico, formado e em formação, segundo eu penso, deve ser com a qualidade de seus estudos e de suas pesquisas. Isso Não será apenas por um tempo; será assim para sempre. (Lúcio Packter. Sinais)

Estudar, aprender e compreender, analisar e refletir conjuntamente, interagir e descortinar caminhos e alternativas existenciais, fazem parte da interseção que o Filósofo Clínico busca manter, a partir da procura pela pessoa partilhante, ela também sem outras motivações que não a sua condição imediata, a lhe dizer com a força de seu sofrimento que algo não está bem.

O Filósofo Clínico deve ser, a princípio, um professor, mesmo que ele não tenha luz. O termo doutor vem do latim “docere”, que significa ensinar. Ensinamos aos nossos partilhantes como se conduzir em relação às suas questões existenciais, como seguir orientações prescritas pelas suas estruturas de pensamentos. Portanto, saber ensinar é uma habilidade importante. Se ensinamos também a estudantes e estagiários, tanto melhor. Desta forma, podemos aprender deles por meio das respostas que damos as suas dúvidas. Ter estagiários para supervisionar obriga-nos a estudar mais ainda para nos mantermos atualizados é capazes de responder suas perguntas, mesmo quando responder é “não sei”.

Sou de acordo com a ideia de o consultório ser também um local de ensino de Filosofia Clínica para estudantes e estagiários. Pois, “para exercê-la em um consultório, há critérios diferenciados”.

Tais conhecimentos só podem ser adquiridos pela experiência e pela vivência, pois não estão nos livros, e é nossa obrigação passá-los às novas gerações de filósofos clínicos, Assim como Lúcio Packter (criador da Filosofia Clínica) o faz em muitos momentos de nossas vidas.



Capítulo 3 VOCAÇÃO

Um certificado não faz de ninguém um filósofo clínico; penso que alguns seriam sinceros se esquecessem o certificado... porque, afinal de contas, pode-se exercer a filosofia clínica em praticamente qualquer atividade; para exercê-la em consultório, há critérios diferenciados. (Lúcio Packter, Sinais)

Conheço também quem domine parte importante da técnica filosófica clínica, mas que deveria, por decência e ética, não exercer a Filosofia Clínica (Lúcio Packter, Sinais)

A Filosofia Clínica é um chamado, é uma vocação; um compromisso para com o ser humano (Lúcio Packter)

O Filósofo Clínico, antes mesmo da apropriação de uma metodologia, aprendido através de uma formação teórico-prática e dos estágios da sua formação terapêutica, não chega por acaso a candidatar-se ao papel existencial de cuidar e compreender as outras pessoas.

É a partir das suas circunstâncias próprias, portanto uma identidade e história de vida, as quais podem facilitar o entendimento destas buscas por elaboração e estudos, que se pode efetuar uma aproximação do sujeito com suas melhores habilidades do ser terapeuta, tornando capaz de lapidar diamantes em seus estados brutos.

Conforme a opinião de Lúcio Packter, um filósofo clínico presta o primeiro depoimento de si mesmo com o testemunho de sua própria vida. O exercício desse papel existencial se inicia em sua própria casa, com seus familiares, pai, mãe, irmãos, filhos, passa pela maneira como se lida com as questões existenciais do cotidiano, como se conversa, se trabalha, se vive em cada momento.

“Um certificado não faz de ninguém o filósofo clínico; penso que alguns seriam sinceros se esquecessem o certificado.” (Lúcio Packter – Sinais).

A vocação se refere, pois, a um chamado íntimo a ser uma determinada coisa que não se desvincula das necessidades culturais, ou dos desafios de um certo tempo. Curiosamente, a palavra vocação vem do latim *vocare*, que significa chamar. Assim é no chamado para assistir alguém como filósofo clínico que vivenciamos a vocação para sê-lo.



Em minha opinião, vocação é a manifestação de um papel existencial misturado entre outros, que costuma acontecer desde cedo, coisa de meninice, que nem chegamos a dar conta do que é exatamente. Com o passar do tempo, melhorando nossa cultura, vivenciando, experienciando as coisas que vão aos poucos nos caracterizando quanto aos papéis existenciais. dentre muitos, um começa a ganhar especificidade, contornos, conteúdos, e nesse momento, percebemos claramente que não escolhemos outro caminho na vida e que atender a este chamado é a missão para qual fomos destinados e que justifica nossa existência. assim, é no chamado para assistir alguém como filósofo clínico que vivenciamos a vocação para sê-lo. Essa é minha opinião.

Como saber para onde vai nossa inclinação, se há vocação para profissão, diante das expectativas de um tempo, de uma sociedade, de uma cultura, dentre tantas demandas de papéis que coadunam entre si, antes mesmo de iniciar a especialização em Filosofia Clínica? Como saber? A priori, não se sabe. Acredito que o chamado (vocação) para algumas pessoas só virar depois de estar fazendo o curso de especialização.



Capítulo 4 A FORMAÇÃO DO FILÓSOFO CLÍNICO

Na Faculdade de Filosofia nós aprendemos Teoria do Conhecimento, Ética, Lógica, Ontologia, Metodologia, Filosofias da ciência, da Religião, História, Metafísica, Linguagem, História da Filosofia, teorias de algumas dezenas de filósofos importantes e ainda muito mais. ensinamentos são a base da nossa clínica.

*O filósofo Clínico usa seus conhecimentos filosóficos, com métodos e fundamentação, na terapia da pessoa.
(Lúcio Packter, Filosofia Clínica: a filosofia no hospital e no consultório)*

O filósofo clínico é o filósofo graduado em uma faculdade reconhecida pelo MEC, que cursou a especialização em Filosofia Clínica em algum dos centros autorizados. O curso se divide em Básico e Avançado. O primeiro corresponde à formação teórica durante 18 meses de aulas. O filósofo após esta concepção obtém o Certificado B (capacitação a pesquisa), que lhe auferir a designação de especialista em Filosofia Clínica. Em seguida, o curso Avançado, onde o filósofo passa por um pré-estágio, onde o filósofo presta o primeiro depoimento de si mesmo com o testemunho de sua própria vida. pois passa pelo estágio supervisionado. ao término, recebe certificado A (capacitação à clínica e à pesquisa) que lhe auferir o título de filósofo clínico. Os certificados são emitidos pelo Instituto Packter ou por instituição parceira devidamente autorizada por este.

O curso de Especialização em Filosofia Clínica é feito da seguinte maneira:

- Mínimo de 24 meses de aula com um filósofo clínico formado.
- O aluno recebe 18 apostilas. Estas apostilas são chamadas de “Cadernos” e a identificação é feita por letras: do Caderno A até o caderno R. Os alunos estudam os cadernos em casa; as aulas são práticas. Damos às apostilas o nome informal de caderno porque elas são apenas um complemento às aulas práticas: contém transcrições de gravações em aula, apontamentos, ilustrações. Esses cadernos podem ser adquiridos no Instituto Packter.
- O aluno passa por um pré-estágio com um filósofo clínico instrutor, a contar do segundo ou terceiro mês de aulas. nesse pré-estágio, o filósofo clínico realiza os exames categoriais com o aluno.



- O aluno passa a frequentar aulas de argila e escultura, pintura, línguas, palestras, grupos de pesquisas de submodos, estudos de filmes, atividades de caráter facultativo.
- Após o nono mês de aula, o aluno pode iniciar seu estágio supervisionado. Ele vai clinicar um colega de aula e ser clinicado por outro; não há necessidade de se fazer isso dentro da mesma turma de aula. Tanto o pré-estágio quanto o estágio são documentados por gravações e transcrições; ao término dos trabalhos esse material retorna ao cliente, invariavelmente.
- Se o instrutor considerar que o aluno está apto a clinicar, este é autorizado a atender um ou dois clientes, além do estágio que está sendo feito. Contudo, esses atendimentos são obrigatoriamente supervisionados pelo filósofo Clínico responsável.
- Ao término das aulas, dos estágios, e levando em conta a convivência do aluno com o grupo e com o instrutor, o aluno recebe o Certificado A (apto à clínica e à pesquisa) ou o Certificado B (apto somente à pesquisa, não à clínica).
- Então, o filósofo clínico recém-formado se inscreve no Conselho Regional de Filosofia Clínica e recebe a carteira do CRFC.

Após o que vimos, acho que se torna tranquilo agora caracterizar o filósofo clínico como aquele que usa a filosofia acadêmica, devidamente habilitado, em sua especialidade clínica.



Capítulo 5 FILÓSOFO CLÍNICO: O TERAPEUTA

Terapeutas são como anjos, a colocarem suas asas e demais habilidades à disposições dos demais, Por um espaço de tempo variável e de acordo com os desafios e necessidades a impulsionarem estes sobre voos, os quais fazem-se possíveis re-adequar planos de voo estabelecer percursos com o outro, combinando estilos próprios descortinados por este convívio passageiro, combinando autonomia e jeito de ser a outros recursos que o partilhante consiga manobrar, preparando com ele instrumentos aptos a percorrer distâncias incomensuráveis de seu interior universo, esta Raridade em sua urgência por descortinar vias de acesso e novos significados. (Hélio Strassburger)

“O exercício terapêutico do filósofo clínico possui circunstâncias que o levam a interagir, pela via da reciprocidade, com as possibilidades existenciais da pessoa sobre seus cuidados. um processo que se inicia com o acolhimento em seus momentos de crise, percorrer às nuances da qualidade da intercessão e se desdobra pelas demais etapas da atividade Clínica “. (Hélio Strassburger - Filósofo Clínico)

É importante considerar que o consultório do filósofo clínico vai além do padrão: uma sala em uma clínica, em prédio comercial. o consultório pode acontecer num jardim de uma faculdade, numa caminhada num parque ecológico, na residência do partilhante, no hospital, numa capela, no jardim de um seminário. O local pode ser discutido com o partilhante de acordo com sua representação, em acordo com filósofo clínico. *A limitação imposta pelo consultório logo é derrubada quando a vivência em filosofia clínica demonstra que muitos lugares são sujeitos a bons espaços de trabalho.* (Lúcio Packter).

O Filósofo Clínico trabalha com singularidades, com os diferentes modos de ser, de vivenciar, agir e reagir das pessoas em seu contexto e em seu dever. Então, constatamos que cada terapia é única, sem moldes, sem receitas, sem rótulos. “A metodologia norteará cada trabalho de forma flexível e criativa apontando muitas vezes para um caminho via construção compartilhada”. (Compêndio de Filosofia Clínica – Caso Nina – Margarida Michele de Paulo e Marisa Zambon Niederauer , 2013).

O suporte teórico que orienta a postura terapêutica do filósofo clínico começa com os postulados trazidos por Protágoras e Schopenhauer:

1. A pessoa que se expressa está interpretando o mundo segundo o entendimento dela (a medida de todas as coisas).



2. a pessoa que se expressa exibe como representa o mundo para si mesma. (representação dela)

Inicialmente, o trabalho clínico do filósofo começa com uma espécie de autobiografia da pessoa, usualmente conhecido como a historicidade do partilhante, e é a partir daí que o trabalho é realizado em torno das concepções existenciais trazidas pela pessoa. Acontece que nem sempre estas manifestações são identificáveis cedo ou facilmente. O processo de tratamento consiste, basicamente, na elaboração de uma historicidade da pessoa. Esta historicidade obedece a uma série de pressupostos que vão da analítica de linguagem à lógica formal. Depois, o filósofo clínico pesquisa relações, as disposições, as conformações, o lugar das informações na historicidade da pessoa. Assim, ele saberá o que acontece com queixas que a pessoa trouxe e que ela nomeou como sendo depressão, angústia, tristeza, etc. finalmente, após os trabalhos iniciais, o filósofo clínico utiliza procedimentos internos retirados da própria história da pessoa. Considere, por exemplo, uma depressão com um assunto imediato. O filósofo clínico estudará a história da pessoa para constatar o que causou, como se desenvolveu e o que pode debelar tal manifestação. Isso porque, às vezes, a depressão já é uma excelente resposta ao que a pessoa está vivendo, sendo ela mesma o remédio e não o que consideramos como doença. Um exemplo disso é quando a pessoa tem depressão justamente porque trabalha no local burocrático, monótono, mecânico e solitário, quando na verdade sua alma anseia por lugares arejados, criativos e aquecidos por relações afetivas. Então, sempre que entra em estado depressivo é afastada de suas atividades para que possa exercer um tratamento.

Um filósofo clínico, em seu ofício, entre em contato com suicídios legítimos cujos argumentos repousam em razões Estéticas e não em razões éticas ou religiosas; entre em contato com desenhos existenciais do pensamento que a medicina tem por psicose, e, para o filósofo, muitas vezes esta existe de onde viveram até então; em contato com o absurdo que Camus anunciou, por que lhe propicia o soma de Huxley, e às vezes acompanha tais caminhos ou se opõe a eles. onde Freud sentenciou que a psicanálise parasse, na psicose, é onde muitas vezes iniciará a filosofia clínica. nosso endereço existencial será dado na trajetória que percorremos com quem partilhamos os espaços da vida. (Lúcio Packter – Revista Ciência e Vida, Ano I, nº 4 – REVISTA ESPECIAL)



Capítulo 6 FILÓSOFO CLÍNICO, ALGUMAS QUESTÕES PESSOAIS

Como reconhecer uma crise pessoal? Quando buscar ajuda? Qual a ajuda a ser buscada, de quem, de qual maneira? E quando os parâmetros éticos e epistemológicos são ultrapassados? Relações entre problemas pessoais do filósofo e a qualidade do atendimento que presta em consultório. Prevenção e desenvolvimento: recomendações.

A seguir, um texto de Hélio Strassburger para a reflexão dos colegas:

O cuidado do Cuidador

A busca pela melhora do outro, acessa e constitui no terapeuta, um conjunto harmônico de estruturação para sua vontade, a instruir habilidades e talentos, propícios as desconstruções que poderá proporcionar, pela via da interseção.

O Filósofo Clínico atuante sabe que sua experiência pode valer muito pouco, pois cada Partilhante traz consigo uma originalidade que o constitui, devido a natureza de seus desdobramentos em singularidade. Com base na fenomenologia, no historicismo e analítica da linguagem, referenciais metodológicos dinâmicos a serviço da vida, pode-se, a cada encontro, produzir um espanto para com a condição do outro que chega, tanto no que se refere a si próprio em relação, como nos impactos que esta interseção poderá causar na sua humanidade.

Um olhar atento e estudo permanente da sua pessoa, através do dado epistemológico voltado ao papel existencial em ser Filósofo Clínico, se faz fundamental para viabilizar qualidade na clínica que realiza. O terapeuta é alguém que aprende com o aprendizado dos seus Partilhantes. Analisa, reflete e compartilha, desconstrói e reelabora em conjunto, exercita sua plasticidade pelos caminhos em devir da sua humana condição.

Para a S., Filósofa Clínica há cinco anos é assim: “(...) Esta possibilidade pedagógica que a clínica oferece ao meu ser terapeuta, constitui-se em ocasião de crescimento pessoal todo este tempo atendendo, compreendendo e interagindo com o mundo dos outros, tem feito com que eu me sinta uma pessoa melhor (...)”.

Esta reflexão que o olhar do terapeuta faz sobre seu papel existencial, além de todo o contexto da clínica que realiza com o Partilhante, pode oferecer cuidados ao cuidador, o qual nem sempre dispõe de uma clínica didática ao seu alcance, a qual por si só, compartilhada com um colega, poderia auxiliar em casos de dificuldade maior.

Neste sentido a autoterapia do filósofo pode ser possível, em algumas circunstâncias, em outras não, dependendo dos tópicos estruturais significativos e da



interseção que estes possam manter na forma de ser do clínico. Bem assim a natureza dos caminhos que percorre, através das partes de si mesmo que oferece à relação terapêutica.

Ao propor parcela significativa de seu ser ao ser do Partilhante, o Filósofo Clínico pode de forma analítica, crítica e reflexiva, elaborar-se no curso destes processos clínicos, que são as sessões com o outro, sem perder-se de si mesmo e das suas circunstâncias em papel existencial do ser Filósofo Clínico, a manter caminhadas exploratórias compartilhadas, pelos desconhecidos espaços da geografia interior do outro.

A L. é Filósofa Clínica há seis anos: “(...) eu consigo, na maioria das vezes, efetuar uma espécie de autoterapia, pois já tive, na minha formação, na etapa do pré-estágio, oportunidade de realizar a minha clínica. lá eu pude me conhecer melhor buscas e valores, representação de mundo e emoções, pré-juízos e epistemologia saber como isto tudo interage dentro da minha estrutura no trabalho com o Partilhante... também acessar os caminhos para a minha própria melhora, os quais estão ali, à minha espera por percorrê-los e me sentir melhor. Quando encontro alguma dificuldade maior, tenho meu próprio terapeuta que me socorre (...)”.

A Filosofia Clínica pode se constituir em uma terapia que cuida do Partilhante e, bem assim, uma dialética permanente, a oferecer ao ser do clínico, ocasião de transformação e crescimento pessoal. Para tanto é necessário um misto de coragem, abertura e impulso na direção do outro, no sentido de oferecer tudo aquilo que possui: metodologia, vivências, contextos e tudo mais que for aparecendo como resultado da interseção. Sendo que estes poderão ter um significado reduzido, se o filósofo desmerecer aquilo que possui de mais sagrado, passível de aparecer ao Partilhante quando em interseção: sua humanidade em vir-a-ser.

O cuidado de quem cuida, se for adaptado a natureza e contexto da atividade clínica, pode elaborar um ambiente propício a melhora das dores da alma, ilustres desconhecidas aos olhares de ‘ver para crer’, impregnados por um querer ter razão explicativa e comprobatória para tudo.

A disponibilidade e o acolhimento que o abraço sugere, antecipam agradáveis momentos, de desarmar velhas e amargas recordações, pela via do relato compartilhado da pessoa, a qual encontra no ser terapeuta do filósofo um cúmplice, alguém para dividir e somar, em direção as buscas que o processo clínico indicar, realizando alegrias e bem estar singulares, adaptados as realidades que podem se mostrar em interseção.

Um olhar e uma escuta fenomenológicas, podem tornar possíveis ao Filósofo Clínico, quando em desempenho de seus papéis existenciais, um processo de autodescoberta e melhor conhecimento de si, tanto quando em solidão com os próprios pensamentos ou naqueles instantes de relação clínica com o outro, continente de onde brotam especiarias e novidades de todo jeito e aspecto, muitas vezes a provocar desdobramentos na estruturação do cuidador.



Há que se cuidar e tratar com carinho a pessoa do terapeuta, este ser enigmático aos olhos da razão determinista, mas um sujeito íntimo das estruturas em sofrimento, para o qual, muitas vezes basta um sentir, olhar ou intuir, revelando o melhor de si mesmo nas circunstâncias e perspectivas do seu papel existencial: ser Filósofo Clínico. Para a N., Filósofa Clínica há cinco anos: “(...) o que acontece é uma transformação. Recolho forças e subsídios dentro de mim, que às vezes me surpreendem ... não sabia que tinha tais atributos para tratar determinadas questões .. e me sair tão bem (...)”.

Para que isto seja possível, um tratar permanente da pessoa do terapeuta, alguns tópicos podem auxiliar decisivamente. A epistemologia se oferece antes mesmo de ser requisitada, para quem a possui desenvolvida. O que acha de si mesmo em relação aos outros que os Partilhantes vão oferecendo. As representações de mundo, compartilhadas pela via positiva ou negativa, muitas vezes atraem significativos resultados.

Um papel existencial estruturante ao sujeito terapeuta se faz essencial em muitos casos, pois será convidado a navegar por oceanos belíssimos ou mergulhar em águas profundas e infestadas de armadilhas, tão exóticas quanto os lugares onde se encontram, buscando orientar-se com habilidade, para contaminar-se com tudo isto e retornar às suas próprias águas, agora impregnado pelas versões e sensações experienciadas na interseção, pré-requisito para investigar estas águas em conflito, sem afogar-se por lá ou destruir a flora e a fauna do lugar, na tentativa de melhorar as coisas.

Demais tópicos específicos e determinantes a cada um, devem ser valorizados em um processo de autoconhecimento, nem sempre acessível ao olhar acostumado a ver o outro da interseção através da historicidade e desdobramentos de Partilhante. Agora trata-se de elaborar através disto tudo, aquilo que tem sido a vida do terapeuta, uma viagem por lugares distantes e tão próximos da sua própria estruturação e condição humana.

Existem vários momentos do vir-a-ser que caracteriza a atividade terapêutica, uma delas é a significativa relação que se estabelece, entre o Filósofo Clínico e Partilhante, através do olhar epistemológico que àquele realiza sobre sua condição pessoal em ser terapeuta na relação com cada especificidade onde atua, o lugar e os tempos necessários as interrelações que vão acontecendo.

Um fazer clínico eficaz pode se mostrar nas mais variadas circunstâncias e contextos. Lugares, tempos e interseções, singulares e irrepetíveis, vão tornando possível a utopia da melhora subjetiva.



Capítulo 7 FILÓSOFO CLÍNICO E A FUNÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

Às vezes a situação num país, por exemplo, está tão caótica devido ao governo e tudo o mais que a coisa arrebenta mesmo. E depois se forma uma outra Estrutura de Pensamento... Para surpresa da gente, nos relatos históricos que se tem da vivência da humanidade, ironicamente poucas vezes quando se formou uma segunda vez a Ep ela ficou muito diferente; na maior parte dos casos ficou quase que a mesma coisa, só com outros valores. Acontece de tudo nesta vida. (Lúcio Packter)

Qual é a função social e política do filósofo clínico? Quais são as possibilidades, expectativas e limites do filósofo clínico para que não tenda à neutralidade social e política?

A função social e política do filósofo clínico será direcionada conforme cada filósofo. “Alguns trabalharão com menores de rua, com crianças em colégios, talvez com partidarismo político. Não me cabe definir isso. Na verdade, acho que não sei responder a essa questão. Posso afirmar apenas que não creio que um filósofo clínico consiga a neutralidade no que se refere a contextos sociais e políticos.” (LÚCIO PACKTER).

É importante dizer que o filósofo clínico não terá uma atitude passiva, aceitando e entendendo calmamente o que lhe for manifestado, trazido por uma estrutura social e política. Acho improvável um filósofo conseguir tamanha atitude. Afinal, o filósofo clínico que está diante da vida, do mundo, circunscrito numa sociedade, também tem uma estrutura de pensamento que estará em interseção com tudo que lhe acontece em torno. Porém, sou da opinião que este filósofo tratará a questão com a amplitude dos contextos.

Durante sua formação o filósofo clínico estuda a Matemática Simbólica, uma disciplina que o habilita a trabalhar conjuntos, grupos, sociedades, empresas, colônias, Salas de aula, colégios e menos as pessoas.



FONTE DE PESQUISA

CARVALHO, José Maurício de. **Estudos de Filosofia Clínica — uma abordagem fenomenológica**. Ed. IBPEX, 2008.

DI PAULO/, Margarida Nichele e NIDERAUER, Mariza Z. **Compêndio de Filosofia Clínica — Caso Nina**. Ed. Livre Expressão, 2013.

NUNES. Rochele Garcia e PEDROSA, Rose. **Dicionário de Filosofia Clínica**. Ed. Imprensa Universitária, 2001.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica — propedêutica**, AGE, 1997.

PACKTER, Lúcio. **Sinais**. Ed. ALL PRINT, 2005.

PACKTER, Lúcio. **Cadernos de Especialização de Filosofia Clínica**, Instituto Packter, 2005.

PEDROSA, Rose. **Vocabulário Técnico de Filosofia Clínica**. Gráfica, 2013.

STRASSBURGER, Hélio. **Filosofia Clínica - diálogos com a lógica dos excessos**. Ed Epapers, 2009.